

A DOCUMENTAÇÃO DE *MISTURA* NOS DADOS DO PORTUGUÊS FALADO NO PARANÁ CAIPIRA E NO NORTE DE MATO GROSSO

Fernando Hélio Tavares de Barros¹
Grasiela Veloso dos Santos Heidmann²
Neusa Inês Philippsen³

RESUMO

Usual no português caipira e em outras variedades do português brasileiro, a lexia *mistura* é denominação para a guarnição que acompanha, no prato, o tradicional “feijão com arroz”. Esse estudo tem por objetivo a sua documentação no repertório do português falado em duas regiões brasileiras: o Oeste do Paraná e o Norte de Mato Grosso. A metodologia empregada é a da Geolinguística pluridimensional e relacional (RADTKE e THUN, 1996). Foram entrevistados 21 informantes no total com um questionário aplicado em 5 pontos de inquéritos. A forma é espontânea em todos os pontos e entre alguns informantes, ela possui diferença em seu conteúdo semântico. Na fala dos informantes do port. gaúcho, no entanto, aparenta ser um caso de empréstimo vindo dos vizinhos falantes do port. caipira e nordestino.

Palavras-chave: *mistura*, estudo do léxico, Geolinguística, Norte mato-grossense, Oeste do Paraná.

Introdução

O feijão e o arroz representam a base do prato na alimentação diária da maioria dos brasileiros, principalmente na refeição do almoço.⁴ Portanto, o feijão com arroz são,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Bremen (Alemanha), Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (Campus Sinop-MT). E-mail: fercho.che@gmail.com

² Doutora e Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Professora da Secretaria de Estado de Ciência Tecnologia e Inovação (SECITECI). E-mail: grasinhasnp@gmail.com

³ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Curso de Letras) – *Campus* Universitário de Sinop. E-mail: neusa@unemat-net.br

⁴ No estudo de Barbosa (2007), com 400 informantes na parte qualitativa e 2136 informantes na parte quantitativa de 10 diferentes capitais brasileiras, 94% dos entrevistados declararam comer arroz e feijão diariamente no almoço. Esses geralmente “acompanhados de algum tipo de carne vermelha (69%),

na cultura luso-brasileira, repertórios do cotidiano.⁵ Contudo, nem sempre foi assim. Para Cascudo (1968), no Brasil colonial quem acompanhava o feijão era a farinha de mandioca. No entanto, conforme Barbosa (2007), com o passar do tempo a farinha perde lugar para o arroz, passando o feijão a dividir com ele o espaço no prato.⁶ Além disso, em muitas variedades do português brasileiro, e principalmente no português caipira, se usa a palavra *mistura* para denominar a guarnição que acompanha esses dois elementos. O presente estudo se propôs a descrever o uso dessa lexia no repertório do português falado em duas regiões brasileiras: o Norte de Mato Grosso e o Oeste do Paraná. O vínculo entre ambas as regiões é histórico, uma vez que o Estado do Paraná foi território de passagem e de partida de muitos migrantes que, por distintos motivos, resolveram se aventurar migrando para o Norte mato-grossense.

O *corpus* analisado foi recolhido por meio de entrevistas guiadas com informantes de duas faixas etárias e de dois gêneros: jovens e velhos (dimensão diageracional), homens e mulheres (dimensão diasssexual/diagenérica). Os falantes do português caipira compõem a maioria dos nossos entrevistados. No entanto, para contemplar a perspectiva contatual (dimensão dialingual), no ponto Norte mato-grossense, foram entrevistados falantes de três variedades do português (doravante port.) brasileiro: o port. caipira, o port. nordestino e o port. gaúcho. Os entrevistados se declararam pertencentes a três origens étnicas: a luso-brasileira, a teuto-brasileira e a ítalo-brasileira.

A metodologia utilizada se baseia nos princípios da Dialetologia pluridimensional e relacional (RADTKE e THUN, 1996), essa, por sua vez, se apresenta como vertente moderna da Dialetologia que busca corrigir as lacunas da Dialetologia tradicional e da Sociolinguística. Não obstante a diversidade de dimensões e parâmetros que a referida metodologia oferece, esse trabalho se limitou apenas a algumas de suas dimensões. Além das dimensões diatópica e dialingual, esse estudo considerou relevante a diarreferencial. Isso porque o registro dos comentários metalinguísticos dos

galinha (42%), salada (30%), macarrão (24%), verduras em geral (22%) e legumes (18%)” (BARBOSA, 2007, p.102).

⁵ Daí surge a expressão feijão-com-arroz “= coisa muito comum; que se repete sempre; do cotidiano: agora isso ficou comum, ninguém dá mais valor, virou feijão-com-arroz” (ORTÊNCIO, 1983, p.181).

⁶ “Não é preciso muita imaginação nem nenhuma estripulia estruturalista de transformações para imaginar que evoluímos a partir dessas bases, substituindo a farinha pelo arroz. Aos poucos, a farinha cede o seu lugar para ficar como um quarto elemento, que ajuda a calibrar a umidade da comida conforme o gosto local (Lima, 1999)” (BARBOSA, 2007, p.112).

informantes produz dados basilares para averiguar o status das formas lexicais e os seus conteúdos semânticos.

1. Aspectos históricos do contexto geográfico considerado

As regiões consideradas para este estudo, cidades do Oeste do Paraná e do Norte de Mato Grosso, apesar da distância que as separam, agregam vínculos migratórios em comum. O Norte de Mato Grosso possui em seu contexto histórico de povoamento a presença paranaense muito marcada, devido principalmente às políticas de ocupação desse espaço. As cidades de Anahy (PR), Iguatu (PR) e Ubiratã (PR) apresentam em sua essência de formação, assim como Carlinda (MT), o trabalho com agricultura e pecuária, o que ressalta a origem camponesa de muitas famílias.

Essas cidades paranaenses foram formadas por levadas de migrantes de diversas regiões, como sulistas descendentes de europeus, vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, bem como do Norte do Paraná, compostas por agricultores que se dedicavam à agricultura de subsistência, desde meados da década de 1950, principalmente no cultivo da cultura de café. Nessas cidades também houve/há a presença de nordestinos, paulistas e mineiros, assim como de outras regiões brasileiras, como Espírito Santo e Rio de Janeiro.

A cidade de Ubiratã (PR) possui um traço em comum com a cidade de Sinop (MT), pois foi formada pelo mesmo núcleo colonizador – a Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná Ltda. – Sinop, ainda na década de 1950, o que mostra esse processo relacional entre as frentes colonizadoras do Sul do país e as cidades do Norte mato-grossense. O município de Carlinda (MT) foi formado por meio de assentamento de reforma agrária pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a partir de 1981, e tem em sua base povoadora a estreita relação com o município vizinho de Alta Floresta (MT).

Estas cidades, conforme relata a historiografia (JATENE, 1983; SCHAEFER, 1985; SOUZA, 2008), receberam muitos migrantes vindos do Norte, Oeste e Sudoeste do Paraná, que por sua vez também foram espaços marcados por passagens de outras frentes migratórias, como os nordestinos, paulistas, gaúchos e outros. Essa interrelação com regiões diferentes, principalmente com a primeira vinda de migrantes do Norte e Oeste do Paraná para o Mato Grosso, deixou marcas histórico-culturais e linguísticas que se preservam nos costumes da população Norte mato-grossense. A exemplo do uso

de algumas lexias, a saber a analisada nesse estudo, mas também no nível fonético-fonológico, como o emergente uso do /r/ retroflexo, esse que é tratado na Dialectologia brasileira como um elemento singular do português caipira (AMARAL, 1920; AGUILERA e SILVA, 2011; AGUILERA, 2012; SILVA, 2012).

Essa estreita relação do Norte de Mato Grosso com o Estado do Paraná motivou esse estudo, que busca compreender em parte essa diversidade linguística que envolve essas regiões, na tentativa de futuramente desenhar uma *koiné* desse português falado no espaço da Amazônia Legal.

2. Aspectos metodológicos

O mapeamento e análise da denominação *mistura* provêm de um inquérito aplicado em duas regiões distintas do Brasil: o Oeste do Paraná e o Norte de Mato Grosso. O instrumento de coleta de dados se deu por meio de um questionário constituído de 103 perguntas de caráter semântico-lexical aplicado entre os meses de abril e maio de 2017 a 21 informantes, nos municípios de Carlinda (MT01), Ubiratã (PR01), Iguatu (PR02) e Anahy (PR03).

A metodologia de coleta dos dados alicerçou-se no método moderno da Geolinguística, a Dialectologia pluridimensional e relacional (RADTKE e THUN, 1996). Apesar dessa metodologia possibilitar trabalhar com diversas dimensões de análise, nesse estudo considerou-se a dimensão diageracional (jovens e velhos)⁷, a dimensão diasssexual/diagénérica (homens e mulheres), a dimensão dialingual (contato linguístico) e a dimensão diarreferencial (comentários metalinguísticos).

Desse modo, com o propósito de compreender o *status* dessa denominação nessas regiões seguiu-se o método dos três tempos na aplicação do inquérito, seguindo a seguinte ordem: perguntar, insistir e sugerir, respectivamente. Essa ferramenta é, no método pluridimensional e relacional, primordial para ampliar os dados da dimensão diarreferencial, possibilitando a recolha de informações sobre os processos de contato linguístico e de manutenção e substituição linguística.

Em relação à classe sociocultural dos informantes, todos possuem classe social baixa (Cb), com nível de escolaridade que não ultrapassa o ensino médio. Já para a dimensão geracional, jovens e velhos (GI e GII), não foi possível delimitar relações de comparação, pois não houve entrevistas com jovens em todas as localidades. Todavia, a

⁷ No entanto, para essa dimensão não foi possível entrevistar informantes jovens em todas as localidades de aplicação do inquérito.

dimensão diassexual/diagenérica, entrevista com homens e mulheres, foi contemplada e permitiu essa delimitação, exceto no ponto PR03 (Anahy-PR).

Pontualmente, na localidade PR02, foi entrevista uma informante vinda do ponto MT01. Portanto, uma informante topodinâmica (TOPO MT01 > PR02). Ela fez o caminho inverso dos pais, estes que saíram do Paraná na década de 1980 e foram para o Norte de Mato Grosso e por lá ficaram. Ela, por sua vez, nasceu em Carlinda (MT01) migrou para o Iguatu (PR02), onde lá reside há mais de 10 anos.

Concernente à dimensão dialingual, a seleção dos informantes delimitou falantes das variedades do português caipira, gaúcho e nordestino (no ponto MT1, dividiu-se os falantes nesses três grupos)⁸, bem como por origens étnicas luso-brasileira (lusa), ítalo-brasileira (ita) e teuto-brasileira (ale).⁹

A dimensão diarreferencial é apresentada na forma de comentários metalinguísticos por meio da questão objetiva sobre a denominação mistura para os grupos e pontos selecionados. Os participantes foram estimulados a promoverem comentários sobre essa forma. Conforme o quadro exposto nesse estudo (Quadro 02).

O quadro a seguir elucida a delimitação dos informantes conforme os critérios de ponto, origem étnica, sexo, geração e local de nascimento.

Quadro 01 – Perfil dos informantes

Ponto	Sigla	Origem étnica	Sexo	Geração/idade	Local de nascimento
MT01	PR- luso	portuguesa	♂	CbGII / 66 anos	Itambacuri - MG ¹⁰
	PR- luso	portuguesa	♀	CbGII / 63 anos	Itambacuri - MG ¹¹
	PR- luso	portuguesa	♂	CbGI / 35 anos	Toledo – PR ¹²
	PR- luso	portuguesa	♀	CbGI / 33 anos	Cascavel – PR ¹³
	RS- ale	alemã	♂	CbGII / 53 anos	Maravilha – SC ¹⁴
	RS- ale	alemã	♀	CbGII / 55 anos	Maravilha – SC ¹⁵
	NO- luso	portuguesa	♂	CbGII / 65 anos	Campos Sales – CE ¹⁶
	NO- luso	portuguesa	♀	CbGII / 59 anos	Campos Sales – CE ¹⁷

⁸ Em particular, no ponto MT01, pois o contato intenso entre as três variedades de português era característica notória da localidade.

⁹ O critério de classificação étnica se deu pela autoidentificação do falante e antroponímica (nome de família).

¹⁰ Migrou para o Norte do Paraná com 10 anos de idade, e, com 34 anos, migrou com a esposa para o MT01.

¹¹ Migrou para o Norte do Paraná com 5 anos de idade, e, com 31 anos, migrou com o esposo para o MT01.

¹² Migrou para o Norte de Mato Grosso (Carlinda-MT) em 1985, com apenas 7 anos de idade.

¹³ Migrou para o Norte de Mato Grosso (Carlinda-MT) em 1998, com 14 anos de idade.

¹⁴ Os pais do informante também eram bilíngues alemão/português e naturais do município de Quatro Irmãos – RS.

¹⁵ Os pais da informante também eram bilíngues alemão/português e naturais do município de Não-Me-Toque – RS.

¹⁶ Migrou para o Norte de Mato Grosso (Carlinda-MT) em idade adulta com sua esposa.

PR01	luso ¹⁸	portuguesa	♂	CbGI / 35 anos	Ubiratã – PR
	luso	portuguesa	♀	CbGI / 30 anos	Ubiratã – PR
	luso	portuguesa	♂	CbGII / 61 anos	Marialva - PR ¹⁹
	luso	portuguesa	♀	CbGII / 56 anos	Ipê – SP ²⁰
	luso	portuguesa	♀	CbGII / 55 anos	Ipê – SP ²¹
PR02	luso	portuguesa	♀	CbGI / 35 anos	Carlinda – MT (TO MT01 > PR02)
	íta	italiana	♂	CbGI / 40 anos	Ubiratã - PR ²²
	íta	italiana	♀	CbGI / 38 anos	Corbélia - PR ²³
	íta	italiana	♂	CbGII / 71 anos	Socorro – SP ²⁴
	íta	italiana	♀	CbGII / 64 anos	Socorro – SP ²⁵
	luso	portuguesa	♂	CbGII / 80 anos	Itajubá - MG ²⁶
PR03	luso	portuguesa	♀	CbGII / 79 anos	São José do Alegre - MG ²⁷
	luso	portuguesa ²⁸	♀	CbGII / 56 anos	Colatina - ES ²⁹

Fonte: Autores

3. Os registros de *mistura* na literatura

Para Casteleiro (2001, p.2492) e Machado (1977, p.144), *mistura* tem suas raízes na forma do latim *mixtura*.³⁰ Casteleiro (2001) define a palavra como “acção de juntar substâncias, produtos... de diferentes espécies ou qualidades” (CASTELEIRO, 2001, p.2492), mas também o “resultado dessa acção; produto ou conjunto de coisas diferentes, de elementos diversos misturados” (idem, 2001, p.2492); além de denominar um “agrupamento de pessoas de diferentes camadas sociais ou categorias” (idem, 2001, p.2492) e a “sobreposição ao diálogo sonoro, de certos ruídos, sons, música... para recriar um ambiente” (idem, 2001, p.2492).

Em Portugal, regionalmente (no Alentejo), *mistura* é entendida como *água-pé*³¹, ou seja, vinho fraco (CASTELEIRO, 2001, p.2492; BARROS E GUERREIRO, 2005, p.126). Nos Açores, *mistura* é o mesmo que *sêmea*³² ou *doçura*³³ (BARCELOS, 2008,

¹⁷ Migrou para o Norte de Mato Grosso (Carlinda-MT) em idade adulta com seu esposo.

¹⁸ A partir daqui não colocamos siglas porque todos os entrevistados do Paraná são considerados representantes do português caipira, falado nessa região do Oeste paranaense.

¹⁹ Migrou para Ubiratã – PR com 6 anos de idade.

²⁰ Migrou para Ubiratã – PR com 5 anos de idade.

²¹ Migrou para Ubiratã – PR com 7 anos de idade.

²² O informante nasceu em Ubiratã – PR, município vizinho, mas sempre residiu em Iguatu – PR.

²³ A informante nasceu em Corbélia – PR, município vizinho, mas sempre residiu em Iguatu – PR.

²⁴ Migrou para Iguatu – PR quando jovem.

²⁵ Migrou para Iguatu – PR quando jovem.

²⁶ Migrou para Iguatu – PR em idade adulta com sua esposa.

²⁷ Migrou para Iguatu – PR em idade adulta com seu esposo.

²⁸ A informante declarou ter origens portuguesa e indígena.

²⁹ Migrou para o Paraná com 5 anos de idade.

³⁰ “Do lat. *mistura*, << fusão, mistura; acasalamento>>; por via culta” (MACHADO, 1977, p.144).

³¹ “Bebida de fraco teor alcoólico, que se obtém adicionando água ao pé e bagaço das uvas, depois do vinho feito” (CASTELEIRO, 2001, p.135).

³² “Parte da farinha de trigo depois de peneirada” (CASTELEIRO, 2001, p.3373).

p.368). Esse sentido também é registrado para a forma *mastura* no português falado em Baião (no Minho, distrito de Porto – Portugal), conforme Amorim (1971).³⁴ Ainda no Minho, Machado (1949) documentou esse conteúdo no português falado em várias aldeias minhotas.³⁵ Do mesmo campo de derivação está a palavra *misturada* que, em Portugal, denomina o “caldo de feijão com couves” – um prato regional (CASTELEIRO, 2001, p.2492).³⁶ O mesmo afirma Leite de Vasconcelos em seu *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*.³⁷ Já no espanhol falado nas Ilhas Canárias, o lusismo *mistura*(d)a denomina uma bebida.³⁸

Regionalmente no Brasil, *mistura* é entendida no Sul do Paraná como “alimento sólido que acompanha o café”³⁹ (FILIPAK, 2002, p.248). Seu registro é paralelo à forma *mustura* do port. paulista e Norte-paranaense documentada por Muricy (1896).⁴⁰ Outrossim, Toniolo (1981) a registra em Tibagi (Paraná).⁴¹ Tal acepção para *mistura* também é registrada no português gaúcho⁴² (BOSSLE, 2003, p. 339), inclusive no falar

³³ “Pequena porção de farinha de trigo – uma mão bem cheia – que se adiciona à de milho para que o pão de milho fique mais macio e possa levedar melhor” (BARCELOS, 2008, p.224).

³⁴ *Mastura* > “Dá-se este nome ao centeio, por se misturar com o milho na confecção do pão” (AMORIM, 1971, p.267). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=variante&q=mastura>. Acesso em 25.06.2019.

³⁵ *Mistura* > “o centeio que deve ser misturado à massa” (MACHADO, 1949, p.84). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>. Acesso em 25.06.2019.

³⁶ Regionalmente no Brasil, *misturada* é entendida no Rio Grande do Sul como “1. Moça morena, entre cabocla e mulata. 2. Certa dança final, nos bailes” (OLIVEIRA, 2003, p.181). O mesmo registra Bossle (2003) no português gaúcho “1. Moça morena, entre mulata e cabocla; 2. Certa dança no final dos bailes, constituída por várias marcas, como valsa, polca e outras, desempenhada quase sempre com o mesmo par” (BOSSLE, 2003, p.339). Em Pernambuco, *misturada* é “mistura de aguardente com outra bebida qualquer” (PEREIRA DA COSTA, 1937, p.482).

³⁷ “Prato de feijão branco cozinhado com couves. Cadaval”. Fonte: *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Link: <http://beta.clul.ul.pt/teitok/dra/index.php?match=contains&query=mistura&action=xdxf>. Acesso em 25.06.2019.

³⁸ “Mistura(d)o o mestura(d)o, se designa usualmente una bebida formada por una mezcla de un jarabe o solución almibarada con una fuerte cantidad de *aguardiente*, vulgarmente llamada caña, em alusión a su origen, y también conocido aquí por aguardiente de caña o *aguardiente de islas*, para distinguirlos del alcohol vínico o de otras soluciones” (CORRALES ZUMBADO et al., 1992, p.646).

³⁹ “Refeição matinal composta de café, pão com manteiga e salgados. Tomar café com *mistura*” (FILIPAK, 2002, p.248).

⁴⁰ *Mustura* > “corruptela de “mistura” Tomar café com *mustura*: com pão, bolo, broinhas, batatas cozidas, etc” (MURICY, 1896, p. 397). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*. Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>. Acesso em 25.06.2019.

⁴¹ “Alimento sólido que acompanha o café: leite, pão” (TONIOLO, 1981, p.21). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*.

Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>. Acesso em 25.06.2019.

⁴² “O que se come com café; acompanhamento do café” (BOSSLE, 2003, p.339).

dos pescadores do litoral Norte do Rio Grande do Sul⁴³ (BUNSE, 1958, p.5), como também na Ilha de Santiago (Cabo Verde) sob a forma *misturu*.⁴⁴ No Sul do Paraná, *mistura* denomina o “alimento que acompanha o feijão nas refeições: arroz, carne, macarrão, ovos fritos” (FILIPAK, 2002, p.248).⁴⁵ Em Campo Mourão, no Oeste paranaense, *mistura* é o “barro preparado de boa consistência, próprio para fazer tijolo” (FONSECA, 1996, p.119).

No interior de São Paulo (Piracicaba-SP), *mistura* é “todo e qualquer acompanhante do prato principal às refeições” (ELIAS NETTO, 2007, p.151).⁴⁶ Essa acepção também é usada na região Nordeste, conforme Costa (2003)⁴⁷ e Philippsen (2013)⁴⁸, no Centro-Oeste brasileiro (ORTÊNCIO, 1983)⁴⁹, no Mato Grosso do Sul (FRÜBEL, 2003)⁵⁰ e nas localidades exploradas por Philippsen (2013), no Norte de Mato Grosso (em Sinop-MT e arredores).

4. Apresentação e discussão dos dados

Os dados apresentados a seguir se referem às respostas obtidas por meio da pergunta 08 do questionário aplicado nas quatro localidades exploradas. De cunho semasiológico, a questão 08 foi aplicada através da seguinte formulação: “Geralmente, no almoço, se faz o arroz e o feijão e como é chamado o que vem a parte?”.

⁴³ Sobre a forma *mistura* no repertório lexical dos pescadores da região Norte do litoral gaúcho (Torres – RS, Tramandaí – RS e arredores) Bunse (1958) faz a seguinte consideração: “De manha toma-se café prêto com pão; quando se serve ainda manteiga, marmelada ou algum biscoito, chamam isto de *café com mistura*” (BUNSE, 1958, p.5).

⁴⁴ “Aquilo que se come a acompanhar o café (...) *Sédu palmanhan e ta tomába kafé sen ~*” (BRÜSER et al., 2002, p.448).

⁴⁵ O mesmo diz Toniolo (1981) > “alimento que acompanha o feijão nas refeições: arroz, carne, macarrão, virado, ovos fritos” (TONIOLO, 1981, p.21). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*.

Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura> Acesso em 25.06.2019.

⁴⁶ “A modista Yvone Maluf Goldshimdt sempre se queixa da comida francesa em suas idas a Paris. *‘Lá, a negadinha me ofereceu caviar e eu pidi farofa e batatinha frita de mistura mai eles num tinha’* (ELIAS NETTO, 2007, p.151).

⁴⁷ “Carnes, peixes, ovos (ex. comprei a mistura para o almoço)” (COSTA, 2003, p.34).

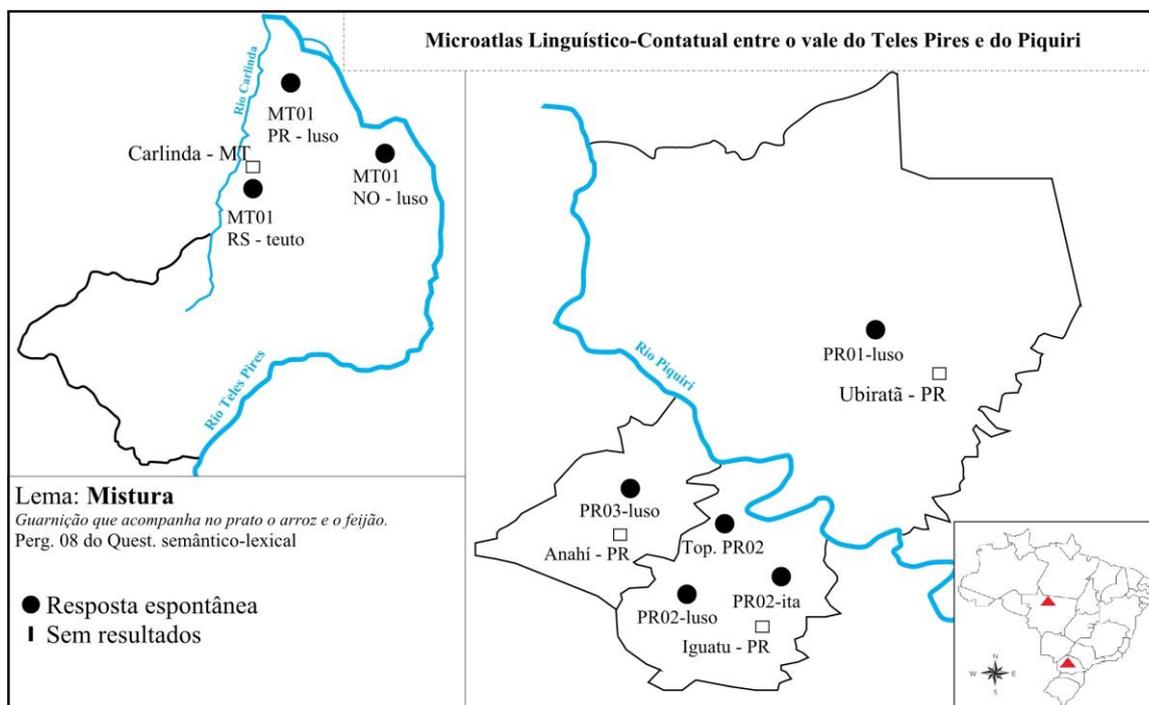
⁴⁸ “No entanto, é importante enfatizar que localizei também o registro do item lexical *mistura*, com este mesmo significado, utilizado pela moradora da zona rural da cidade baiana de Glória, divisa com Pernambuco, Maria São Pedro, segundo o excerto de narrativa a seguir, publicado no Jornal Bahia Notícias em 27 de maio de 2012: ‘[...] Tenho comido todo dia, mas passo necessidade, não vou mentir. **Tem dias em que não tem a mistura** [carne ou similar que acompanha o tradicional arroz e feijão]’ (PHILIPPSSEN, 2013, p.636).

⁴⁹ “Culinária: qualquer iguaria para acompanhar o tradicional arroz-com-feijão. Também o que acompanha o café: ‘incomodar com mistura? Prá quê? Era só matar uma penosa, arrancar uns pés de mandioca e pronto’ (...) ‘as galinhas de sea Neca iam de oito, já tinham matado duas leitoas, pois o diabo do liquidante não comia sem mistura e exigia’ (ORTÊNCIO, 1983, p.282).

⁵⁰ “Alimento que complementa a refeição básica do dia-a-dia como mandioca, salada, carne e ovos. ...não podi faltá uma mistura, né..” (FRÜBEL, 2003, p.110).

Todos os 21 informantes responderam de maneira espontânea a forma *mistura*, assim como se pode observar no mapa 01.

Mapa 01 – Documentação de *mistura*



Fonte: Autores

O mapa 01, de estilo fenotípico, registra os resultados positivos para a forma, sendo que todas resultaram como respostas espontâneas. Para a documentação do *status* da forma *mistura*, o entrevistador estimulou os informantes a tecerem comentários metalinguísticos (dimensão diarreferencial) sobre o uso da forma e o seu conteúdo semântico. Todos os dados qualitativos, ou seja, os comentários recolhidos se encontram na tabela a seguir. Ela está organizada por ponto (P), grupo, o símbolo (Sím.) utilizado no mapa 01 e o comentário metalinguístico. Nos diálogos estão expostas as falas do inquiridor (inq.) e dos informantes (info.), conforme a ordem dos inquiridos (info.01, info.02 etc.). Decidimos por não transliterarmos todas as marcas dialetais de cunho fonético do *corpus* analisado, uma vez que o nosso interesse se concentra na variação do conteúdo semântico da lexia *mistura*.

Quadro 02 – Comentários metalinguísticos

P	Grupo	Sím.	Comentário metalinguístico
			Inq. - Se faz arroz e feijão, e o que vem.. Info. 01 - É <i>mistura</i> ! (...) Inq. - Mas a <i>mistura</i> é, tem que ser o que? É só carne ou pode ser outra coisa.. Info. 01 - Não, é.. pode ser abobra, pode ser uma sopa de mandioca, pode ser

MT01	PR GII	●	<p>batatinha, pode ser.. um macarrão é <i>mistura</i>.. quiabo, maxixo, abobra, molho de banana verde, eu já comi de tudo.. repolho, tomate, berinjela, é couve..</p> <p>Info. 02 - É peixe!</p> <p>Info. 01 - É peixe.. não, nois tamo falando é de verdura, né.. folha de taioba, inhame.</p> <p>Info. 02 - É cará! Tem cará também, tem o inhame..</p> <p>Info. 01 - Agora tem gente que não come sem carne, né, e não come mêmo. Agora eu não ligo muito pra esse trem não. às vezes tem dia que um relógio de pulso vai melhor que uma carne, né. O que é relógio de pulso? Ovo, né!</p> <p>Info. 02 - Ovo frito (risos), zoião também se diz (risos).</p> <p>Info. 01 - Se um camarada diz, o que é que eu tenho de <i>mistura</i>, se tu adivinhar eu te dou a gema! É ovo! (risos).</p>
MT01	PR GI	●	<p>Inq. - Pro almoço se faz o arroz e o feijão, o que vem a parte é a.. ?</p> <p>Info. 01 - <i>Mistura</i>! (risos)</p> <p>Inq. - <i>Mistura</i>?</p> <p>Info. 02 - A <i>mistura</i>!</p> <p>Inq. - Ah, vocês falam aqui essa palavra?</p> <p>Info. 02 - Fala, é <i>mistura</i>!</p> <p>Inq. - Mas a <i>mistura</i> ela tem que ser a carne ou pode ser .. ?</p> <p>Info. 01 - É a carne! Tem que ser a carne!</p> <p>Info. 02 - Carne, uma abobrinha, um ovo. Eu mesmo prefiro um ovo.</p> <p>Inq. - Mas na tua casa tem que ser a carne ou pode ser qualquer coisa?</p> <p>Info. 01 - Não, é a carne! É a carne!</p> <p>(...)</p> <p>Inq. - Porque tem gente que diz que pode ser uma abobrinha, um ovo..</p> <p>Info. 02 - Oh, mas eu vou te falar uma coisa procê.. tendo uma abobrinha com quiabo eu dispenco a carne.</p> <p>Inq. - Aé?</p> <p>Info. 02 - Mas moço!</p>
MT01	NO GII	●	<p>Inq. - Tem gente que faz o arroz e o feijão, né. E além do arroz e feijão, se faz algo mais.. como o pessoal chama aqui... ?</p> <p>Info. 01 - <i>Mistura</i>!</p> <p>Inq. - Se fala <i>mistura</i> aqui?</p> <p>Info. 01 - É ! (risos)</p> <p>Inq. - Mas lá no Ceará se falava <i>mistura</i> também?</p> <p>Info. 02 - Lá no Ceará também é <i>mistura</i>.</p> <p>Inq. - Aé?</p> <p>Info. 02 - Sim!</p> <p>Inq. - Mas a <i>mistura</i>, ela tem que ser a carne? Ou não?</p> <p>Info. 01 - Não! Pode ser um ovo, uma salada.</p> <p>Info. 02 - Uma salada!</p> <p>Info. 01 - Tudo é uma <i>mistura</i>. (risos)</p> <p>Inq. - Ah, pois tem gente que fala que é só a carne, né.</p> <p>Info. 01 - Porque é fora do feijão e do arroz, aí tem a <i>mistura</i>, que pode ser qualquer coisa.. pra misturar, né.</p>
MT01	RS GII	●	<p>Inq. - Eu não sei se vocês já escutaram, mas aqui o pessoal geralmente faz o arroz e o feijão e o que vem a parte é..?</p> <p>Info. 01 - É a <i>mistura</i>!</p> <p>Info. 02 - Fala é a <i>mistura</i>, né.</p> <p>Inq. - Mas vocês aprenderam isso aqui ou lá em Santa Catarina já se dizia?</p> <p>Info. 02 - Aqui! Lá nem sabia o que era - (risos). É aqui mesmo.</p> <p>Info. 01 - Aqui, é, aqui.</p> <p>Inq. - Quem é que fala mais isso?</p> <p>Info. 01 - Mais aqui, eu acho que mais é o povo que vem do Norte e de São Paulo que fala <i>mistura</i>.</p>
			<p>Inq. - Aqui geralmente, o pessoal faz o arroz e o feijão. Esse é o prato principal, o que vem a parte é.. ?</p> <p>Info. 01 - A carne.</p>

PR01	GI luso	●	<p>Info. 02 – A <i>mistura</i>. Inq. – Se diz <i>mistura</i> aqui? Info. 02 – Sim! Info .01 – Sim, a <i>mistura</i>! “Oh, mãe, o que de <i>mistura</i> tem hoje?” (risos) Inq. – Mas a <i>mistura</i> ela tem que ser carne ou pode ser outra coisa? Info. 02 – Ela pode ser qualquer coisa! Não precisa ser.. “- O que tem de <i>mistura</i> pra hoje? – Ah, tem ovo! Ah, hoje tem batata doce! Ah, hoje tem só salada!” É <i>mistura</i>! (...) pra mim a <i>mistura</i> é qualquer coisa.</p>
PR01	GII luso	●	<p>Inq. – O pessoal faz o arroz e o feijão e o que vem a parte é a ..? Info. 01 – Uma <i>mistura</i>! Inq. – Dizem isso aqui? Info. 02 – Dizem! Inq. – Mas o que é a <i>mistura</i>? Info. 01 – Ué, <i>mistura</i> é fazer um chuchu igual eu fiz hoje (risos), fazer uma carne. Inq. – Mas a <i>mistura</i> é a carne ou pode ser. Info. 01 – Pode ser salada, pode ser um legume, um ovo. Info. 03 – Pode ser qualquer coisa. Qualquer coisa é <i>mistura</i>.</p>
PR02	GII luso	●	<p>Inq. – Às vezes o pessoal faz o arroz e o feijão e o que vem a parte é a .. ? Info 01 – É a <i>mistura</i>! Inq. – Pessoal fala assim aqui? Info. 01 – É a <i>mistura</i>! Inq. – Mas a <i>mistura</i> é a carne ou pode ser qualquer coisa? Info. 01 – Qualquer outra coisa, né, qualquer verdura, qualquer outra coisa. Inq. – O senhor conhece por <i>mistura</i> também? Info. 02 – É.. é a <i>mistura</i>, né!</p>
PR02	GII ítalo	●	<p>Inq. - Aí, geralmente o pessoal faz arroz e o feijão e o que vem a mais é a .. ? Info. 01 – Tem que fazer uma <i>mistura</i>, né! (risos) Inq. – Falam isso aqui? Info. 02 – Falam! É! Inq. – Mas o que é uma <i>mistura</i>? Info. 02 – Ah, é uma carne, é ovo, é abobrinha, verdura. Inq. – Não precisa ser carne? Info. 01 – Não, não. Pode ser qualquer coisa.</p>
PR02	Topo GI	●	<p>Inq. – Quando o pessoal faz comida, se faz arroz e feijão e o que vem a parte é a .. ? Info. – É a <i>mistura</i>! Inq. – Falam <i>mistura</i> aqui? Info. – Sim, <i>mistura</i> é carne ou salada. Inq. – Mas lá no Mato Grosso também diziam <i>mistura</i>? Info. – Sim, falavam.</p>
PR02	GI ítalo	●	<p>Inq. – E aí, geralmente, o pessoal faz o arroz e o feijão e o que vem a parte é a .. ? Info. 01 e 02 – A <i>mistura</i>! Inq. – Usam essa palavra aqui? Info. 02 – Usa! Info. 01 – Sim! Inq. – Mas a <i>mistura</i> é, só pode ser a carne ou pode ser qualquer coisa? Info. 02 – Salada, enfim, geral. Info. 01 – Qualquer outra coisa, estando junto com o arroz e o feijão. (risos) Inq. – Não precisa ser carne, né? Info. 02 – Não, não precisa não.</p>
			<p>Inq. – E aí, aqui, o pessoal faz o arroz e o feijão e o que vem a parte é a .. ? Como que chama isso? Info. – <i>Mistura</i>! Inq. – <i>Mistura</i>? Mas o pessoal fala aqui?</p>

PR03	GII luso	●	<p>Info. – Ah, o pessoal fala assim “- Ah, eu vou fazer uma <i>mistura</i>”, daí a <i>mistura</i> é tipo uma carne, né, aí vou dizer.</p> <p>Inq. – Mas tem que ser carne?</p> <p>Info. – É, a <i>mistura</i> que a gente conhece é a carne, né? Uma linguíça, é uma..</p> <p>Inq. – Mas e se não for carne, daí não é <i>mistura</i> dona .. ?</p> <p>Info. – Não, é, tipo assim, a pessoa fala “- Ah, o que é que tem para <i>mistura</i> hoje?” eu mesmo aqui eu falo pras crianças, pros meninos “- Hoje não tem nada pra <i>mistura</i>, é só arroz, feijão e ovo”. Ovo já eles não acham que é <i>mistura</i>. A <i>mistura</i> que eles acham é a carne.</p> <p>Inq. – É a carne?</p> <p>Info. – É a carne!</p>
------	----------	---	--

Fonte: Autores

Na tabela a seguir, se encontra a quantificação de todos os comentários metalinguísticos. Ela está composta pelo conteúdo do comentário, pela frequência (Σ) e pelo grupo de informantes (GII e GI), conforme cada ponto de inquérito (MT01, PR01, PR02 e PR03).

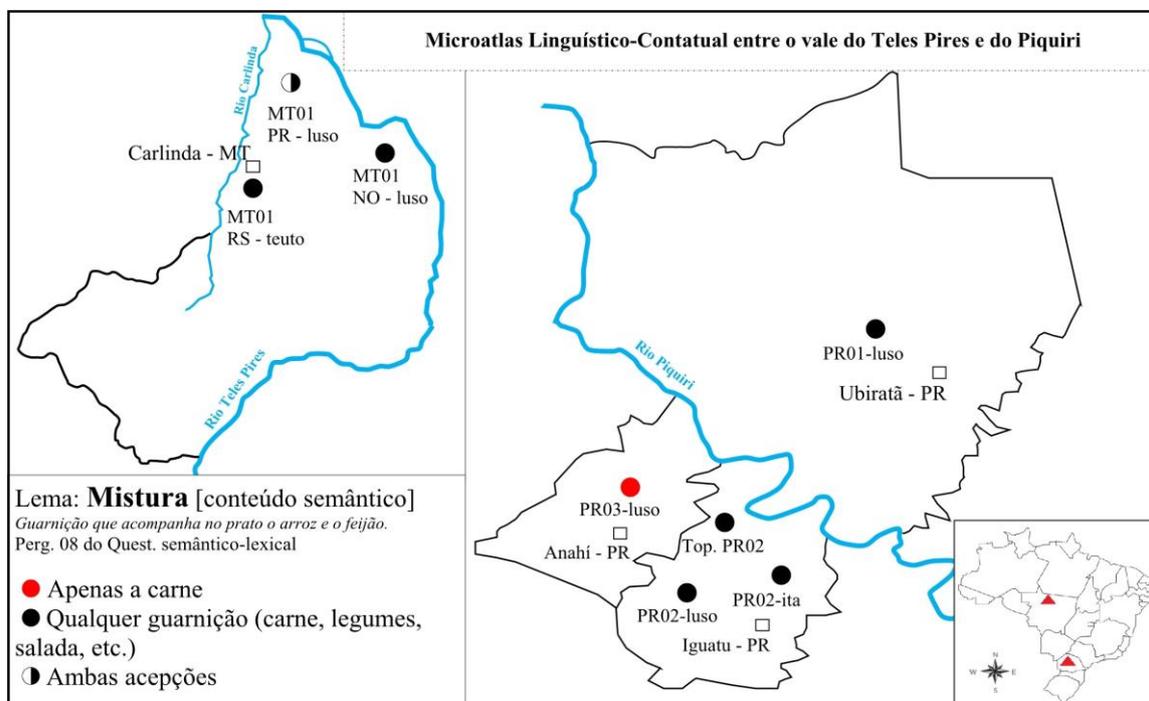
Quadro 03 – Quantificação dos comentários metalinguísticos de *mistura*

Comentário metalinguístico	Σ	CbGII	CbGI
A <i>mistura</i> é qualquer tipo de guarnição (carne, legumes, saladas, etc.).	08	MT01-PR (♀♂); MT01-NO (♂); PR01-luso (♀♂); PR02-luso (♀); PR02-ita (♀♂);	MT01-PR (♂); PR01-luso (♀); PR02-ita (♀♂);
A <i>mistura</i> é apenas um tipo de guarnição: a carne.	02	PR03-luso (♀)	MT01-PR (♀)
No Ceará também se diz <i>mistura</i> .	01	MT01-NO (♀♂)	
Aprendemos a dizer <i>mistura</i> aqui, pois em Santa Catarina não se usa essa palavra.	01	MT01-RS (♀♂)	
<i>Mistura</i> é palavra dos nortistas e dos paulistas.	01	MT01-RS (♂)	
No Mato Grosso também se diz <i>mistura</i> .	01		TOPO-PR02 (♀)

Fonte: Autores

Foram documentados oito comentários de informantes, os quais definem *mistura* como palavra para qualquer guarnição (carne, legumes, saladas etc.). Duas informantes mulheres (PR03-luso ♀; MT01-PR ♀) relataram que *mistura* é palavra usada apenas para a carne como guarnição. Essa variação do conteúdo semântico de *mistura* é ilustrada no mapa 02.

Mapa 02 – Variação do conteúdo semântico de *mistura*



Fonte: Autores

Como se observa no mapa 02, na maioria dos pontos *mistura* é qualquer tipo de acompanhamento para o feijão e o arroz (símbolo cheio). Apenas no ponto PR03 não se registrou essa acepção. A informante PR03-luso (♀), após sugestão do entrevistador, disse que desconhece o uso da forma *mistura* para a salada, legumes, macarrão, entre outras guarnições. A mesma informante só conhece o uso da *lexia* para denominar a carne utilizada como guarnição.

No ponto MT01-PR, os informantes GII e o informante masculino (♂) do grupo GI conhecem apenas a primeira acepção. Nesse ponto (MT01-PR), apenas a informante jovem de sexo feminino (♀) conhece a segunda acepção (*mistura* é apenas a carne). Por essa razão, no mapa 02, esse ponto é representado pelo símbolo preenchido pela metade.

Os informantes do ponto MT01-RS (♂♀) declararam que não conheciam o uso de *mistura* para denominar a guarnição para o prato de comida. Segundo o casal entrevistado, em Santa Catarina não se usa *mistura* para tal contexto. A informante de

Philippsen (2013) nascida no Rio Grande do Sul relatou o mesmo.⁵¹ O informante masculino (♂) desse ponto (MT01-RS) acredita que *mistura* para tal conteúdo semântico é próprio do repertório dos nortistas⁵² e dos paulistas. Esse aspecto demonstra a integração de *mistura* no repertório dos falantes do português gaúcho. O fato da forma ser espontânea nas respostas dos gaúchos pode ser um sinal da entrada de *mistura* no repertório lexical local, ou seja, na *koiné* do português local que está se formando. Os dois informantes nordestinos (NO) do ponto MT01 e a informante Norte mato-grossense topodinâmica (TO) do ponto PR02 declararam o uso da *lexia* na terra de partida.

Por sua vez, outras acepções de *mistura* usadas regionalmente no português brasileiro não foram sugeridas pelo entrevistador. Por exemplo, as utilizadas em regiões do litoral gaúcho (BUNSE, 1958); interior do Paraná (FILIPAK, 2002; TONIOLO, 1981) e de São Paulo (MURICY, 1896) onde a *mistura* é algum alimento sólido que acompanha o café. Cabe a investigações futuras sanarem essa lacuna.

Considerações finais

Aparentemente, *mistura* como denominação para guarnição é forma espontânea no português caipira. A maioria dos informantes a usa para denominar qualquer tipo de acompanhamento ao feijão e ao arroz. Contudo, dois informantes do nosso estudo relataram que *mistura* denomina a carne como uma guarnição. Os informantes do português gaúcho emprestaram a forma após chegarem ao Norte de Mato Grosso, ao contrário dos inquiridos do port. nordestino, que já a usavam em sua terra de partida. Infelizmente, não foram entrevistados informantes jovens representantes do português gaúcho e nordestino no ponto MT01, o que impossibilitou uma análise diageracional. Mas nos grupos em que os jovens foram entrevistados, não houve diferença no *status* espontâneo de *mistura*.

Estudos futuros podem sanar essa lacuna e melhor documentarem o uso de *mistura* nas três variedades de português em situação de diáspora. No que tange a futura elaboração de um Atlas Linguístico-Contatual do Norte de Mato Grosso, seria

⁵¹ “Pioneira de Sinop, natural de Giruá, no Estado do Rio Grande do Sul, e residente antes da migração em Guarani das Missões, neste mesmo Estado” (PHILIPPSSEN, 2013, p.636).

⁵² O mesmo disse a informante de Philippsen (2013), nascida em Santa Catarina, mas residente em Sinop-MT: “*Mistura* é daqui e nem todos falam isso, eu acho que é mais do nordeste, a gente fala assim ‘eu vô fazê uma carne, uma verdura’ e eles fala ‘vô fazê uma *mistura*’ - itálico nosso - (PHILIPPSSEN, 2013, p.637).

importante ampliar o foco contemplado nesse estudo. Especificamente, considerar outros pontos de inquérito onde também haja o contato das três variedades de português e entrevistar informantes em pontos da região nordeste do país, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o que aumentaria a comparabilidade dos dados.

Referências bibliográficas

AGUILERA, V. A. O /r/caipira está ganhando status? O que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil coletados no Paraná. *Papéis (UFMS)*, v. 16, p. 13-26, 2012.

AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras ? MG: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas linguístico do Brasil. *Diadorim (Rio de Janeiro)*, v. 8, p. 125-142, 2011.

AMARAL, A. O dialeto caipira. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, [1920], 1976.

AMORIM, M. I. N. de. Baião, concelho do distrito do Porto. Estudo de linguagem, etnografia e folclore das suas freguesias. Dissertação de Licenciatura. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1971. Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português* Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura> Acesso em 25.06.2019.

BARBOSA, L. Feijão com arroz e arroz com feijão: o Brasil no prato dos brasileiros. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 87-116, 2007.

BARCELOS, J. M. S. Dicionário de Falares dos Açores: vocabulário regional de todas as ilhas. Edições Almedina: Coimbra, 2008.

BARROS, V. F.; GUERREIRO, L. M. Dicionário de Falares do Alentejo. Editores Campos das Letras: Porto, 2005.

BOSSLE, J. B. A. Dicionário gaúcho brasileiro. Porto Alegre – RS: Artes e Ofícios, 2003.

BRÜSER, M.; REIS SANTOS, A. dos; LANG, J. Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde). Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2002.

BUNSE, H. Notas Linguístico-Etnográficas sobre a pesca em algumas praias do Brasil-Sul. In: *Separata da Revista Veritas*. Porto Alegre, p. 1-23, 1958.

CASCUDO, L. da C. História da Alimentação no Brasil. Cozinha brasileira (Pesquisas e notas). 2 vol. *Brasiliana* volume 323-A. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

CASTELEIRO, J. M. (Cord.). Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa; Editorial Verbo, 2001. vol. 1 e 2.

CORRALES ZUMBADO, C.; CORBELLA DÍAZ, D.; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, M. Á. Tesoro Lexicográfico del Español de Canarias. Madrid: Editorial Arco, 1992.

COSTA, D. da. Nordeste ontem e hoje: palavras, expressões, apelidos, secas, cangaço. Fortaleza: Premius, 2003.

ELIAS NETTO, C. Dicionário do dialeto caipiracicabano (arco, tarco, verva). Piracicaba: Aprov Edit. e Comunic. Ltda, 2007. Edição revista e ampliada.

FILIPAK, F. Dicionário Sociolingüístico Paranaense. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

FONSECA, V. S. A linguagem dos oleiros nas olarias rudimentares da microrregião de Campo Mourão – PR. Dissertação de Mestrado em Letras. Assis-SP: Universidade Estadual Paulista, 1996. Link: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*
Fonte: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>

FRÜBEL, A. C. M. Para um vocabulário do falar sul-matogrossense: uma contribuição parcelar. (Dissertação) de Mestrado. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2003. Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*
Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>
Acesso em 25.06.2019.

JATENE, H. S. Reabertura da fronteira sob controle: A colonização particular dirigida de Alta Floresta. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - UNICAMP, Belém do Pará, 1983.

LEITE DE VASCONCELOS, J. Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Link: <http://beta.clul.ul.pt/teitok/dra/index.php?match=contains&query=mistura&action=xdxf>
Acesso em 25.06.2019.

MACHADO, J. P. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 3a Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MACHADO, M. de L. V. O fabrico caseiro do pão em diversas aldeias do Minho. Subsídios para o seu estudo linguístico-etnográfico. Dissertação de Licenciatura. Universidade de Coimbra, 1949. Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*
Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>
Acesso em 25.06.2019.

MURICY, J. C. da S. Viagem ao país dos jesuítas. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, ([1896] 1975). Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*
Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>
Acesso em 25.06.2019.

OLIVEIRA, A. J. de. Dicionário gaúcho: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades. 2ª ed. Porto Alegre: Editora AGE, 2003.

ORTÊNCIO, W. B. Dicionário do Brasil Central: subsídios à Filologia. Linguagem, usos e costumes. Folclore. Toponímia dos municípios goianos. São Paulo: Ática, 1983.

PHILIPPSEN, N. I. A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP), 2013.

RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolingüística romanica: un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. (Hrsg.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

SCHAEFER, J. R. As migrações rurais e implicações pastorais: um estudo das migrações campo-campo do sul do país em direção ao norte do Mato Grosso. São Paulo: Loyola, 1985.

SILVA, Hélen Cristina da . O /r/ caipira no Triângulo Mineiro: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas'. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2012.

SOUZA, E. A. A migração sulista para o Norte de Mato Grosso. In: TEDESCO, João Carlos.; CARINI, J. J. *Conflitos agrários no norte gaúcho 1980-2008*. Porto Alegre: Edições Est, 2008.

TONIOLO, E. J. Vocabulário de Tibagi. Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana, 1981. Fonte: *Tesouro do léxico patrimonial galego e português*
Link: <http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/search#search=normal&mode=lema&q=mistura>
Acesso em 25.06.2019.

PEREIRA DA COSTA, F. A. Vocabulário pernambucano. Recife: Imprensa Oficial, 1937.

THE DOCUMENTATION OF *MISTURA* IN THE DATA OF THE PORTUGUESE SPOKEN IN THE PARANÁ CAIPIRA AND IN THE NORTH OF MATO GROSSO

ABSTRACT

Usual in the caipira portuguese and other Brazilian portuguese varieties, the word *mistura* is the name given to the garnish that accompanies the traditional Brazilian dish "rice with beans". This study aims to document the repertoire of Portuguese spoken in two Brazilian regions: Western Paraná and Northern Mato Grosso. The methodology used is the pluridimensional and relational Geolinguistics (RADTKE and THUN, 1996). A total of 21 informants were interviewed with a

Revista de Letras Norte@mentos

questionnaire applied in 5 survey points. The form is spontaneous at all survey points and among some informants, existing differences in semantic content. In the speech of the interviewd of gaucho portuguese, however, it appears to be a case of a loan coming from the neighboring speakers of the portuguese caipira and northeast.

Keywords: *mistura*; study of lexicon; geolinguistics; North of Mato Grosso; West of Paraná.

Recebido em 09/02/2022.

Aprovado em 18/04/2022